

31

ENERGIA NUCLEAR

24.4.79

publicado no Diário do Comércio Industrial - (DCI)

Schenberg reitera

# "Nuclear atrasa o

Desenvolvimento

Oswaldo Petrin  
Correspondente em Londrina

"O Brasil não precisa de energia nuclear porque não tem problemas energéticos sérios. O nosso potencial hidrelétrico é imenso. Na verdade, o País está com dificuldades para escolher qual o recurso que pode aproveitar, entre aqueles que dispõe, como o álcool e o metanol. Mas, certamente, a opção correta não é pela energia nuclear." Essa é a opinião do físico Mário Schenberg, manifestada ontem à tarde, em Londrina, durante entrevista coletiva à imprensa. O cientista acrescentou que a opção por um programa nuclear pode ser justificada em um país como o Japão, que não conta com carvão, petróleo ou outras importantes fontes de energia. Caso também da França, como esclareceu, em contrapartida. Schenberg mostra que a instalação de reatores nucleares no Brasil só contribuirá para retardar o nosso desenvolvimento, uma vez que os recursos são limitados e estão sendo desviados para a implantação de

um programa comprovadamente mais oneroso do que seria a exploração de redes hidrelétricas. Referindo-se a declarações de técnicos, o físico comentou que o quilowatt instalado em Angra dos Reis custará cerca de três mil dólares - "o dobro, segundo alguns; o triplo, segundo outros, do quilowatt obtido em Itaipu". Durante a entrevista - que durou mais de uma hora - Schenberg abordou não só a questão nuclear brasileira, mas também a crise de tecnologia e seus contornos internacionais, a devastação da Amazônia e o surgimento de forte consciência ecológica, a anistia e as demissões de professores sem justa causa. Schenberg está em Londrina a convite da Regional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC.

Anteontem à noite, no anfiteatro da Associação Comercial, ele proferiu palestra acerca de "Crise na Tecnologia", iniciando, assim, a um ciclo de conferências que a SBPC pretende estender pelos próximos dias, discutindo temas de grande relevância.

# Desenvolvimento nacional atrasa com Programa Nuclear (Schenberg)

**OSWALDO PETRIN**  
Correspondente  
em Londrina

Schenberg, em entrevista ontem em Londrina, salientou também que quando se trata de programas nucleares outros países estão até revendo suas posições anteriores. Não faltou referência ao acidente de "Three Mile Island", nos Estados Unidos, ocorrido há algumas semanas. Segundo o físico, dos 72 reatores norte-americanos, 71 apresentam o mesmo risco de acidentes. Essa conclusão foi apresentada por uma comissão que trata da segurança dos reatores naquele país. Acrescentou que um dos reatores brasileiros é suscetível ao mesmo tipo de acidente.

Quais as lições que podem ser tiradas do acidente na Pensilvânia? — pergunta Schenberg. Respondendo ele mesmo, afirma que nenhum técnico nuclear merece confiança, acrescentando: "Todos afirmaram que não era possível um acidente como esse, e aconteceu. Disseram que o reator ficou sob controle, mas na realidade permaneceu 16 horas descontrolado e os técnicos sem poder fazer nada". Nesse ponto, o cientista relembra que em diversas ocasiões os técnicos discutiram quais seriam os prováveis acidentes em um reator nuclear: mas não chegou a ser aventada a possibilidade de formação de uma bolha, como ocorreu. Por isso, é taxativo: "Pode bem haver outros tipos de acidentes que não foram imaginados ainda". Ele faz questão de frisar que os cientistas nunca afirmaram que não era possível a ocorrência de acidentes. Esse tipo de declaração ele reserva para o presidente da Nuclebrás, Paulo

Nogueira Batista, que afirmou há dias que os cientistas não entendem de energia nuclear — ao rebater as críticas que têm sido dirigidas pela comunidade científica do País ao Programa Nuclear Brasileiro.

## CREDIBILIDADE

Para Schenberg, é "ridículo" o argumento apresentado pelos técnicos de que ninguém morreu no acidente com o reator. Saliencia que um desastre como esse pode não determinar morte imediata, mas suas consequências podem aparecer anos depois. Como, por exemplo, observar-se um aumento dos casos de câncer provocado pela radiatividade. "Aliás, já ficou comprovado que há uma incidência maior de câncer em pessoas que trabalham em um reator", comentou.

Extrapolando a questão da segurança nuclear para o Brasil, Schenberg diz que "mesmo que tudo tivesse ocorrido normalmente em Angra — e não é o caso — devemos ter mais receio de acidentes do que em outros países, que tem mais prática em energia nuclear, uma

coisa que não teremos tão cedo".

O físico paulista explica que um reator nuclear é perigoso, mesmo quando deixa de funcionar, ou seja, fica tão carregado de radiatividade que não pode mais ser operado. Nesse caso, deve ficar enterrado.

## POLÍTICA DA ECOLOGIA

Voltado para investimentos que tenham relação com a vida e com as organizações humanas, ele mostra que existe grande potencial no verdadeiro "surto ecológico" que começou a ser manifestado em diversos países. Para ele, essa é uma nova força política decisiva, capaz de, por exemplo, fazer com que a Suécia interrompesse seu programa nuclear, em nome da segurança.

No Brasil, Schenberg acredita que nos últimos anos o PIB tenha, talvez, duplicado, mas — segundo ele — não se pode dizer que a vida do brasileiro melhorou: "pelo contrário". Então, assinala que se vem esforçando para estudar a situação e ajudar no que pode. Um dos caminhos que escolheu foi tecer críticas ao sistema educacional que, no

seu entender, é pior do que poderia ser. Ele propõe uma reforma sensata e profunda em todos os níveis de ensino do País — "do primário ao PHD". E acredita que em outros setores também possam ser alcançados resultados satisfatórios, como quando se proporcionar maiores condições de saúde às populações nas cidades. Nesse ponto foi taxativo em seu alerta: "O desenvolvimento da energia nuclear vai em sentido contrário a tudo isso". Ele entende que, mesmo dentro do Governo, devem haver setores que não são favoráveis ao nosso programa nuclear: "Mas quando houver acidente, a radiatividade não vai escolher quem é do Governo ou da oposição."

## UM DESERTO

O Governo fala em contrato de risco para a Amazônia, afirmando Schenberg que já se comenta ser esse um indício de que o Estado pretende, mesmo, a internacionalização daquela região. Para ele, não há dúvida que a Amazônia poderá ser ocupada militarmente, caso haja uma reação internacional pelo desequilíbrio ecológico que a devastação na área poderá provocar.

Um dos sérios problemas apontados pelos técnicos e relatado por Schenberg, diz respeito à grande fragilidade da floresta amazônica: "Quando se derruba um grande número de árvores, outras tantas caem". O físico explica que o sistema bio-ecológico da Amazônia apresenta as árvores com raízes superficiais, daí por que, quando se destrói algumas, outras também tombam. Se houver uma irracional ocupação do solo, ele não vê outra consequência: a região poderá se transformar em deserto.

## "Absurdo parar"

O ministro das Minas e Energia, César Cals, considerou absurda a idéia do senador Itamar Franco (MDB/MG), presidente da CPI Nuclear, de parar o programa da usina de Angra-II, a fim de que seja feita uma avaliação do que foi realizado até agora, além de uma avaliação dos seus objetivos. Para o ministro, isso não deverá ocorrer, em momento algum, embora todas as opiniões a esse respeito sejam levadas em consideração pelo Governo, de vez que "muitas pessoas têm opinião divergente a respeito da política nuclear brasileira".

A concretização do programa, segundo César Cals, é realista, com recursos já garantidos, inclusive a serem retirados do Fundo Nacional de Desenvolvimento Tecnológico. Para o ministro das Minas e Energia, não seria uma boa política estancar o que já foi feito no setor, lembrando que "lá no Ceará chegaremos a muito mais de urânio que os números já anunciados". César Cals revelou que, a preço de hoje, uma tonelada de urânio concentrado está sendo adquirida por US\$ 100.000, enquanto uma de enriquecido, US\$ 1.300.000.